

No. 66

Dezembro de 2019

Preis 5,00 Euro

Portugal-Post

Correio luso-hanseático



Comércio em Portugal

Da venda pessoal ao comércio massificante – O caso de Cascais

Vom „Tante Emma-Laden“ zum Massenbetrieb – Am Beispiel von Cascais

José d'Encarnação (Übersetzung ins Deutsche von Karin von Schweder-Schreiner)

Der Landkreis Cascais zwischen der Serra de Sintra und dem Atlantik am westlichen Ende der „Halbinsel von Lissabon“ setzt sich zusammen aus ländlichem Gebiet, wo man bis in die 60er Jahre von Ackerbau und Viehzucht lebte, und aus dem Küstengebiet, seit jeher beliebt, vor allem aber ab Mitte des 19. Jahrhunderts, als es üblich wurde, im Meer zu baden. Die eindeutige Dichotomie von „Stadt“ und Land – ein mögliches Paradigma, aussagekräftiges Beispiel also für die Veränderungen, die sich in den letzten 50 Jahren im Handel vollzogen haben.

Situado na ponta ocidental do que poderia chamar-se a «península de Lisboa», entre a Serra de Sintra e o Oceano Atlântico, o concelho de Cascais partilha-se entre um interior onde se viveu da agropecuária até aos anos 60 e o litoral apetecido desde sempre mas sobretudo a partir da 2ª metade do século XIX, quando se começou a criar o hábito dos banhos de mar. A evidente dicotomia entre o campo e a «cidade» – susceptível, pois, de ser paradigma, um válido testemunho das transformações por que passou o comércio nos últimos 50 anos.

1. Der „Tante-Emma-Laden“

„Venda“ (das Pendant zum deutschen „Tante-Emma-Laden“, Anm.d.Ü.) hießen die Geschäfte, in denen man praktisch alles kaufen konnte. Man kannte den Besitzer, und der Besitzer kannte seine Kunden. Damals wurde der Lohn wöchentlich ausbezahlt, es gab keine „englische Woche“, und deshalb gab es „frisches“ Geld am Samstag. So lange wurden die Einkäufe angeschrieben, in einem Buch, „rol“ genannt“, eine Seite pro Familie. Am Samstag wurde abgerechnet oder auch dann, wenn jemand einmal etwas Extra-Geld verdient hatte. Alles auf Vertrauensbasis, wobei die Besitzer der *venda* sehr wohl wussten, dass sie riskierten, auf den Schulden sitzen zu bleiben, weil der Kunde nichts hatte oder ihn betrog. In der *venda* gab es alles für den täglichen Bedarf; aber es gab auch „fliegende“ Händler. Der Bäcker zählte dazu, er verkaufte an der Haustür und wusste, wie viel Brot jede Familie täglich verbrauchte. Auch der Milchmann kam jeden Tag. Und

A venda pessoal

Chamava-se «venda» ao estabelecimento comercial onde praticamente tudo se comprava. O dono era conhecido, conhecidos eram também os fregueses. Nesse tempo, o trabalho era pago à semana, não havia semana-inglesa e, por isso, dinheiro «fresco» era ao sábado. Até lá, o valor das compras era assente no «rol», um livro onde cada página era duma família. Saldavam-se as contas ao sábado ou quando, por via de qualquer serviço extra, o dinheiro aparecia. Tudo em regime de mútua confiança, embora os proprietários da venda soubessem do risco de sofrerem um «calote», nome pejorativo dado à dívida passível de não vir a ser saldada, por penúria ou maldade do freguês. Na venda (estabelecimento), havia o essencial para o dia-a-dia; contudo, isso não evitava a existência de vendedores ambulantes. O padeiro era um deles, vendia ao domicílio



die Fischverkäuferinnen! Sie gingen frühmorgens zur Fischhalle, um den frischen Fang zu ersteigern; gegen neun, zehn Uhr stiegen sie mit ihren Körben in die Linienbusse und verteilten sich auf die Ortschaften, wo sie gegen zwölf eintrafen, damit der Fisch noch zum Mittagessen auf den Tisch kommen konnte. Der Ölhändler kam einmal in der Woche oder alle 14 Tage; er brachte Olivenöl, Essig, anderes Öl, Petroleum, Brennspritus ... Selbst Scherenschleifer und Klempner kamen regelmäßig!

Einmal in der Woche begaben sich die Hausfrauen zur *praça*, wie der *mercado saloio*, der Bauernmarkt, genannt wurde. *Saloios* waren im Mittelalter die Bewohner der Umgebung von Lissabon, die die Stadt mit ihren landwirtschaftlichen Produkten versorgten. Dort wurde viel verkauft. Und alles ganz frisch. Je nach Jahreszeit. Am Vortag geerntet. Tomaten, wenn es Tomatenzeit war, Weintrauben, wenn es Traubenzeit war, Melonen, wenn es Melonenzeit war, weiße Rüben, wenn es ihre Zeit war ... Die Händler waren bekannt. Bei Stammkundinnen gab es Rabatt ... Zum Markt gehen war ein Ritual. Dort traf man Freundinnen, erfuhr alle Neuigkeiten, so wie in den guten alten Zeiten der Märkte im Mittelalter ... Der Rückblick in der Zeit führt mich auch weiter zurück: in die dunkle Epoche mit der Rationierung in der Nachkriegszeit. Jede Familie hatte Anspruch auf je eine Ration Olivenöl, Zucker, Petroleum, Salz ... Es gab Bezugsmarken, man lief hin und her, immer in der Hoffnung, Erfolg zu haben, denn nicht immer war alles zu bekommen ...

e sabia quanto é que cada casa gastava de pão por dia. O leiteiro, visita diária também. E as varinas! Essas iam de madrugada à lota da vila arrematar as tecas; punham as canastras nas camionetas de carreira aí pelas nove, dez horas e espalhavam-se pelos lugares, cada uma pelo seu, chegando a meio da manhã, para o peixe ainda servir para o almoço. O azeiteiro vinha semanalmente ou de 15 em 15 dias; trazia azeite, vinagre, óleo, petróleo, álcool desnaturado... Até o amolador e o funileiro eram visitas periódicas!

Uma vez por semana, as donas de casa rumavam à «praça», nome por que se designava o mercado saloio. «Saloios» eram, na Idade Média, os habitantes dos arredores de Lisboa que a abasteciam de produtos hortícolas. Na praça era mesmo o que se vendia. Fresquíssimo. Da época. Colhido no dia anterior. Tomate no tempo do tomate, uvas no tempo das uvas, melões no tempo dos melões, nabos no tempo dos nabos... Conheciam-se quem vendia. Regateava-se, quando se tratava de freguesa certa... Ir à praça era um ritual. Aí se reencontravam amigas, se sabiam as novidades, à boa maneira das feiras medievais... E esse recuar no tempo fez-me recuar mais também: para o período negro, do racionamento, que se viveu no após-guerra. Cada família tinha direito a uma porção de azeite, de açúcar, de petróleo, de sal... Havia senhas e ia-se aqui e além, na esperança de poder ser aviado, porque nem sempre havia de tudo...

▷

Fotos: Varinas, Quelle: Museu do Mar de Cascais; O mercado de Cascais num desdobrável turístico, José d' Encarnação

2. Die Panik der 60er Jahre

Das ruhige Panorama wurde gestört, als die Supermärkte aufkamen und dann die „Hypermärkte“. In Cascais entstand einer der ersten seiner Art, der Pão de Açúcar, eröffnet im September 1973 (heute zu der Auchan-Gruppe gehörend), sowie eins der ersten Shopping-Center (Mai 1991). Im Vorgriff auf die kommenden Schwierigkeiten des Einzelhandels – die Bäcker hatten bereits im Oktober 1953 die União Panificadora de Cascais (heute Panisol) gegründet – schlossen sich die kleinen Händler in A Luta (Cooperativa Abastecedora de Produtos Alimentares do Concelho de Cascais) zusammen, die es ihnen erlaubte, dank Einkauf im Großhandel ihre niedrigen Preise beizubehalten und sich gegenüber den „Handelsmonstern“ zu behaupten. Ein Widerstand, der sich unter Schwierigkeiten über ein Jahrzehnt aufrecht erhalten ließ. Schließlich brach er zusammen, vor allem dank der Internationalisierung des Handels (heute essen wir Melonen von wer weiß woher ...) und dank der Zugeständnisse an die Chinesen ... Ein angekündigter Tod? Nein, das glaube ich nicht.

3. Der Wert des kulturellen Erbes

Auch in Zusammenhang mit Handelswaren setzte sich allmählich der Begriff kulturelles Erbe durch, vor allem als – in allen Bevölkerungsschichten – das Bewusstsein für Qualität und für das Produkt aus der Region zunahm. Inzwischen bevorzugt man Apfelsinen aus dem Algarve, Melonen aus Almeirim, Oliven aus Elvas, Ananas von den Azoren, Brot aus dem Alentejo ... Die finanziellen Schwierigkeiten der Familien – arbeitslose Kinder, immer mehr Alte, ständige Unsicherheit im Job, mangelndes Vertrauen in Regierungen, die sich mehr an Parteiinteressen orientieren als am Wohl des Volkes ... – diese Probleme zwangen in gewisser Weise dazu, sich auf den Wert der Gemeinschaft, der Nachbarschaftlichkeit zu besinnen, und folglich hat der Laden nebenan wieder an Bedeutung gewonnen. Wir sind auf diesem Weg. Und ich wünsche mir, dass wir weiter auf diesem Weg bleiben, auch um unser kulturelles Erbe zu bewahren. Und ich unterstreiche unser, denn hier spreche ich nicht mehr von Cascais, sondern auch von dem entlegenen Dorf in der deutschen Provinz. Dafür müssen alle sorgen!

O pânico dos anos 60

Este panorama tranquilo viria a ser perturbado com o aparecimento dos supermercados e, depois, com as «grandes superfícies». Cascais foi dos primeiros a ter uma loja desse tipo, o Pão de Açúcar, inaugurado em Setembro de 1973 (do actual grupo Auchan) e dos primeiros a ter um shopping center (Maio 1991). Antecipando-se à anunciada dificuldade do comércio a retalho – os padeiros já haviam criado, em Outubro de 1953, a União Panificadora de Cascais (hoje, Panisol) – os pequenos comerciantes uniram-se n'A Luta (Cooperativa Abastecedora de Produtos Alimentares do Concelho de Cascais), que, mediante a compra por atacado, permitiria manter os preços baixos e fazer face a esses «monstros» do comércio. Uma resistência que, arduamente, se manteve por mais de uma década. Sucumbiria depois, mormente com a internacionalização do comércio (hoje, comem-se melões nem se sabe bem donde...) e as facilidades concedidas aos chineses... Morte anunciada? Creio que não.

O valor do património

Também nos produtos comerciáveis, o conceito de património entrou, sobretudo quando – a todos os níveis da população – se começou a compreender que, além da qualidade, o produto local ganhava «substância», isto é, começava a impor-se de novo. Já se preferem a laranjas do Algarve, os melões de Almeirim, as azeitonas de Elvas, os ananases dos Açores, o pão alentejano... Por outro lado, as vicissitudes financeiras das famílias – os filhos a não terem emprego, os idosos a serem cada vez mais, a permanente instabilidade do trabalho, a falta de confiança nos governos regidos mais por interesses partidários do que pelo bem-estar do Povo... – essas vicissitudes obrigaram, de certo modo, a um retorno ao valor da comunidade, do espírito de vizinhança e, conseqüentemente, a loja de bairro voltou a ganhar preponderância. Nesse caminho estamos. Nesse caminho, auguro eu que continuemos, inclusive para salvaguarda dos nossos patrimónios. E sublinho nossos, porque, neste caso, já não é de Cascais que falo, mas, inclusive, da mais recôndita aldeia do interior alemão. A todos cabe essa missão!